

casa tinha a reputação de ser assombrada e que vários inquilinos a haviam abandonado por essa razão. O fenômeno estava restrito àquele único quarto; também Jung dormiu profundamente assim que voltou para Londres. A casa foi arrasada até os alicerces, logo depois.

No começo da década de vinte, Jung assistiu a várias sessões organizadas pelo médico alemão, Baron Albert von Schrenck-Notzing, em cuja casa, de Munich, Thomas Mann participou de uma sessão espírita. O médium era o austríaco Rudi Schneider. O professor Bleuler também estava presente. Na década de trinta, novamente com Bleuler, Jung organizou sessões com um médium suíço, Oskar Schlag. Estas foram arranjadas em particular, no edifício do Instituto Burghölzli. Em adição às comunicações verbais, foi dito que ocorreram fenômenos físicos, inclusive a materialização de entidades espirituais. Figuras de cartão, recortes de anjos e objetos mundanos, tais como bandejas com rodinhas, para transportar copos de cerveja, cobertas com tinta luminosa, pareceram estar flutuando na escuridão, enquanto o médium permanecia imóvel e em transe. Tais experiências, assim como o seu estudo da literatura sobre testes, de laboratório, da percepção extra-sensorial, induziram Jung a encarar como insuficientes as explicações puramente psicológicas do oculto. Mas os seus comentários públicos continuaram perifrásticos. Na edição alemã do livro de Stewart Edward White, *The Unobstructed Universe* [O Universo sem Obstrução] (Zurich, 1963), Jung foi tão definido como jamais pôde, ou permitiu-se, ser:

“Enquanto que, por um lado, é possível criar dúvidas a respeito de qualquer caso, por outro lado não existe nada que possa provar a inexistência dos ‘espíritos’. Portanto, neste assunto, devemos nos restringir a um julgamento do *non liquet* [não provado]. Qualquer pessoa convencida da realidade dos espíritos deveria saber que este é um assunto subjetivo, que pode ser contestado por inúmeros argumentos. Qualquer pessoa convencida do oposto deveria guardar-se contra a ingênua suposição de que isto liquida com todos os fenômenos tipo-assombramento e que todas as manifestações desta espécie são fraudulentas e sem significação. Este não é o caso, de modo algum. A despeito de todas as interpretações, estes fenômenos existem por seu próprio direito e não pode haver dúvidas de que são manifestações genuínas do inconsciente. As comunica-

ções dos ‘espíritos’ são, em qualquer caso, testemunho da psique inconsciente, presumindo-se que elas sejam realmente espontâneas e não invenções enganadoras de uma consciência fraudulenta.”

Jung comparou as manifestações dos espíritos com os sonhos, que também “atestam sobre o inconsciente e são, portanto, usados na psicoterapia como uma excelente fonte de informações”. Os esforços de Jung, para chegar a uma síntese científico-filosófica de suas descobertas, inclusive o oculto, são fascinantes e admiráveis, a despeito de todas as suas qualidades esquivas e da falta de conclusões definitivas; afinal, a maior parte do trabalho de Jung é uma Sinfonia Inacabada. Seu mais notável esforço para uma tal síntese do psicológico e do físico pode ser encontrada em seu conceito de sincronicidade, ou da “coincidência significativa”. Ele rotulou a área onde o psicológico e o físico se superpõem, ou exercem ação mútua, como “psicóide”. Um sumário dos seus conceitos seria rude e inexato; suas próprias obras e também as de seus colaboradores teriam que ser consultadas.

Muito do que se tornou moda nos anos recentes — desde as cartas do Taro e as técnicas de adivinhação do I Ching, até a astrologia, foi submetido aos estudos de Jung. A Sra. Jaffé escreveu que o arquétipo, um dos principais conceitos de Jung, deve ser considerado como o “organizador” de um fenômeno sincronístico. Ela declara:

“Na maioria dos casos não é difícil descobrir o arquétipo particular, servindo de base ou organizando o fenômeno sincronístico. Com muita frequência ele é a morte, o perigo iminente da morte, um desastre, etc. No incidente entre Freud e Jung [o som explosivo, durante o explosivo encontro de ambos, em 1909] ele foi o fim iminente de uma amizade íntima, ou do relacionamento arquetípico pai-filho. Ele também pode ser a expectativa de uma profecia miraculosa, que exerce uma função em todos os métodos divinatórios ou intuitivos. Jung considerou a expectativa de um milagre (o conhecimento do incognoscível) como o fundamento arquetípico das experiências de PES, feitas por Rhine. Como uma regra, a contagem [estatística] de sucessos [nos testes de PES] diminuem quando vem o tédio, isto é, quando a emoção relacionada com a expectativa se torna menos intensa e o arquétipo mergulha de volta ao inconsciente.”